



ECOS DA MATA



ESTHERFYSON GABRIEL SOUZA DIAS

ECOS DA MATA

**BELO HORIZONTE
NOVEMBRO DE 2019**



ESTHERFYSON GABRIEL SOUZA DIAS

ECOS DA MATA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Bacharelado em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel em Artes Visuais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eliana Ambrósio Ribeiro.

**BELO HORIZONTE
NOVEMBRO DE 2019**



AGRADECIMENTOS

Desde o momento em que a universidade passara de um sonho para realidade em minha vida, foram muitas as pessoas que contribuíram por tornarem este momento possível e ao fim, um sonho concretizado; primeiramente agradeço a minha família, em especial a minha mãe, Marlene, a quem dedico este trabalho, que com muito afeto e incentivo, me deu forças para persistir na conquista deste tão almejado curso; a professora Dr. Eliana Ambrósio Ribeiro que acolheu com muito entusiasmo, respeito e apoio os projetos desenvolvidos; a professora Dr. Joyce Saturnino, que com seus conhecimentos "mágicos", sua proximidade e amor pela disciplina, muito contribuíram para meu crescimento artístico, dos quais me aproximaram ainda mais da terra, das plantas e de conhecimentos ancestrais que estão interligados imprescindivelmente a minha pesquisa; a prof. Dr. Tânia Araújo, que com seu afeto, carisma e dedicação, tornara possível a realização de um sonho antigo em trabalhar no ramo da estampanaria; à todos professores, que em suma, devo boa parte dos conhecimentos adquiridos, a minha gratidão e a todos amigos e colegas que estiveram presentes em boa parte deste processo, e não menos importante, pois sem estes, minha vivência nesta cidade seria muito difícil e angustiante, o meu muitíssimo obrigado.



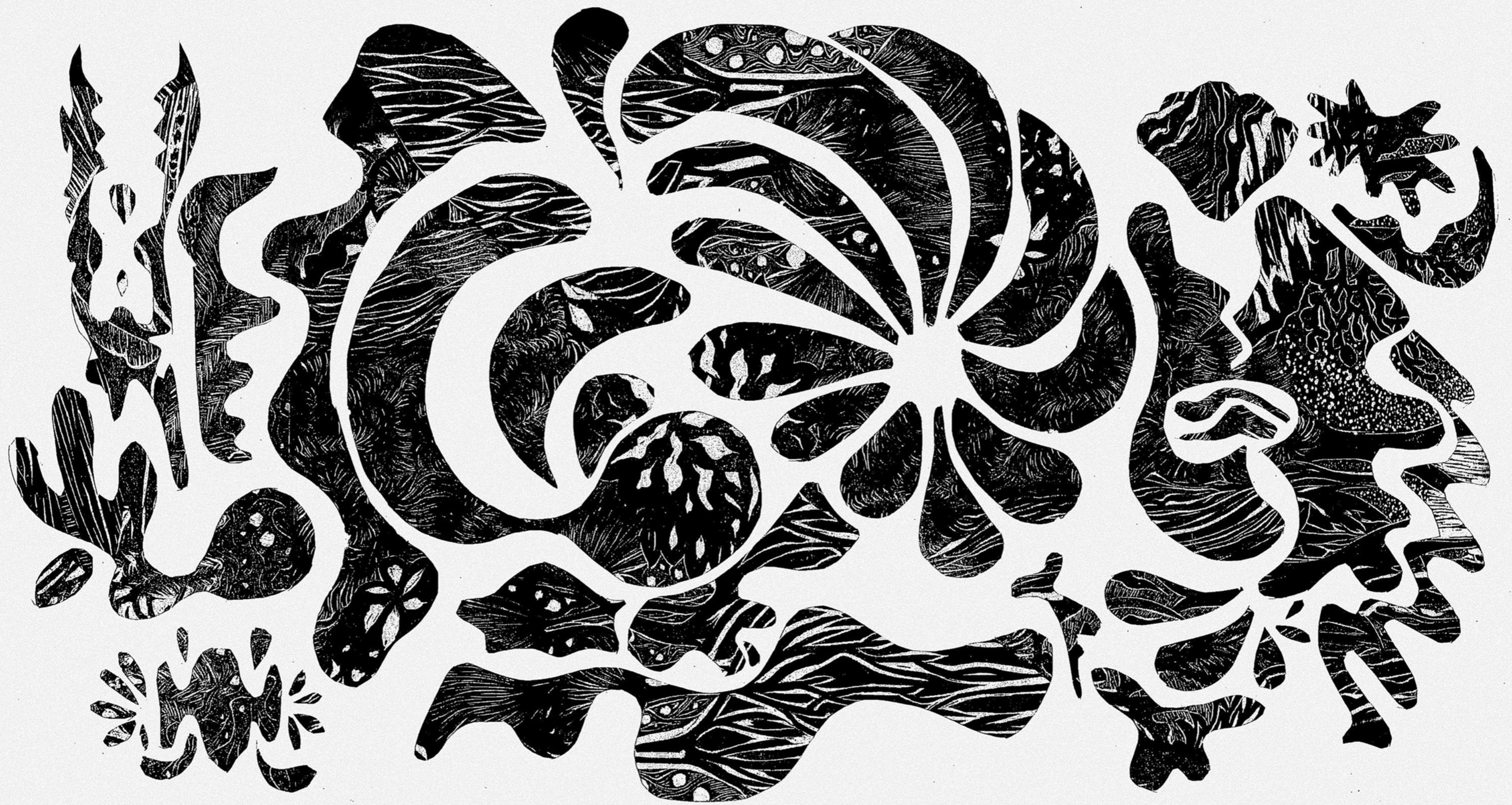
À Marlene, minha mãe e grande guerreira que me trouxe a vida.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1-	Estherfyson Dias, Penumbra, 2018, técnica mista	CP	FIGURA 11 -	Estherfyson Dias, s/t, 2017, fotografia	46
FIGURA 2 -	Estherfyson Dias, Penumbra, 2018, técnica mista	2	FIGURA 12 -	Estherfyson Dias, Série: Um corpo em ruptura, 2017, matriz	48
FIGURA 3 -	Estherfyson Dias, Penumbra, 2018, técnica mista	4	FIGURA 13 -	Estherfyson Dias, s/t, s/d, fotografia	50
FIGURA 4 -	Estherfyson Dias, Penumbra, 2018, técnica mista	8	FIGURA 14 -	Estherfyson Dias, s/t, 2018, linoleogravura, 41 x 82 cm	53
FIGURA 5 -	Estherfyson Dias, Penumbra, 2018, técnica mista	12	FIGURA 15 -	Estherfyson Dias, Série: Um corpo em ruptura, 2017, linoleogravura, 37 x 47 cm	54
FIGURA 6 -	Frans Krajcberg, Toncos (Amazônia), s/d, matriz-negativo. Disponível em: < http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra26046/tronco-s-amazonia >. Acesso em: 28 de outubro de 2019>	37	FIGURA 16 -	Estherfyson Dias, Série: Um corpo em ruptura, 2017, linoleogravura, 60 x 56 cm	57
FIGURA 7 -	Sebastião Salgado, s/t, s/d, fotografia. Disponível em: < https://oglobo.globo.com/sociedade/sustentabilidade/nicolan-hulot-sebastiao-salgado-humanidade-esta-entre-barbarie-a-civilizacao-22696916 > Acesso: 28 de outubro de 2019.	39	FIGURA 17 -	Estherfyson Dias, s/t, 2018, fotografia	58
FIGURA 8 -	Claudia Andujar, Yanomami, 1974, matriz-negativo. Disponível em:< http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra15933/yanomami >. Acesso em: 28 de outubro de 2019.	41	FIGURA 18 -	Estherfyson Dias, s/t, 2018, linoleogravura, 41 x 82 cm	60
FIGURA 9 -	Gilvan Samico, O fazedor da manhã, 1982, xilogravura. Disponível em: < https://www.sescsp.org.br/online/artigo/compartilhar/10394_LEGADO+COLETIVO > Acesso: 28 de outubro de 2019.	43	FIGURA 19 -	Estherfyson Dias, Série: Um corpo em ruptura, 2017, linoleogravura, 66 x 67 cm	62
FIGURA 10 -	Flavio Forner, Pinturas rupestres de Cocais - MG, s/d, fotografia. Disponível: < https://blogs.oglobo.globo.com/miramundos/post/pedra-pintada-em-cocais-tem-pinturas-rupestres-de-ate-10-mil-anos-442276.html > Acesso: 28 de outubro de 2019.	45	FIGURA 20 -	Estherfyson Dias, Série: Um corpo em ruptura, 2017, linoleogravura, 68 x 31 cm	64
			FIGURA 21 -	Estherfyson Dias, s/t, s/d, fotografia	66
			FIGURA 22 -	Estherfyson Dias, Série: Sob a luz de mil estrelas, 2019, linoleogravura, 68 x 71 cm	68
			FIGURA 23 -	Estherfyson Dias, s/t, 2018, fotografia	73
			FIGURA 24 -	Estherfyson Dias, s/t, 2015, fotografia	74
			FIGURA 25 -	Estherfyson Dias, s/t, 2017, fotografia	77
			FIGURA 26 -	Estherfyson Dias, s/t, s/d, fotografia	78
			FIGURA 27 -	Estherfyson Dias, Série: Sob a luz de mil estrelas, 2019, linoleogravura, 36 x 35 cm	81
			FIGURA 28 -	Estherfyson Dias, s/t, 2017, fotografia	82
			FIGURA 29 -	Estherfyson Dias, Série: Sob a luz de mil estrelas, 2019, linoleogravura, 65 x 70 cm	84

SUMÁRIO

RESUMO.....	17
1. INTRODUÇÃO.....	18
1.2 DA POESIA À FORMA.....	20
1.3 DA MEMÓRIA AO SIMBOLISMO.....	25
1.4 DO FRAGMENTADO À GRAVURA.....	33
2. POESIAS.....	50
3. COSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	92



RESUMO

"Ecos da Mata" é o resultado de um processo artístico desenvolvido durante o período da graduação, do qual se caracteriza como um memorial descritivo poético acerca das percepções sensoriais quanto ao espaço natural e urbano, onde ambos se confrontam e se complementam, transfigurando-se em imagens e palavras, ora abstratas ora poetizadas, onde o elemento central está na conexão entre estes, povoando o próprio ser, no eco das memórias de uma criança que ainda habita os sonhos de uma mata.

Neste trabalho será discutido ao princípio, as relações entre o sujeito e o espaço, onde nestas interações é propiciada a experiência estética envolvendo a cognição, a criatividade e a própria produção objectual e poética destas; desenvolvendo-se a partir disso uma reflexão sobre as ambiguidades culturais existentes neste cotidiano, como o espaço urbano e a floresta, e como estes espaços distintos influenciarão na minha concepção artística, permeando signos e trazendo novas simbologias a estes; finalizando com referências de artistas que trabalham com temáticas interligadas ao espaço e as suas narrativas.

PALAVRAS-CHAVES: Linoleogravuras, poesias, identidade, lugar.

1. INTRODUÇÃO

Das matas secas de candeias, dos vales frios e nebulosos, dos cascalhos cristalizados sob a noite de incontáveis estrelas, de rios e cascatas que tropeçam e escorregam moldando a rocha mutável, do corpo embrenhado no mato, correndo livre, colhendo histórias e imagens de um mundo signo; transfigurado agora em outra forma, abstraído no cimento quebrado, no trincado do asfalto, nas flores do horizonte caídas sob um chão ainda que impenetrável, mas frágil; na árvore que se despreguiça mesmo que apertada, visões e logo histórias, percebidas, vividas e agora descritas em linhas, cores e tintas.

Ecos da Mata surge destes devaneios, destas escritas incisivas de experiências de um lugar que por princípio, não havia tido tal dimensão do quão este espaço estava interligado com aquilo que percebo como parte da minha identidade, e assim como num mergulho para dentro de si, revisitando a casa e seus espaços mais íntimos, num processo de escuta e observação ativa, pude observar com o ruído das memórias junto ao processo artístico, a reverberização desta conexão, entre o sujeito e o lugar de origem.

O filósofo e escritor Bachelard (1993)¹ cita algo que me ocorrera neste processo: "É depois da repercussão que podemos sentir as ressonâncias,

¹ BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

repercussões sentimentais, recordações do nosso passado. Mas a imagem chegou as profundidades antes de movimentar a superfície." (Ibidem, p. 187). Reafirmando o campo das imagens como lugar também dos afetos, e sendo destas, das quais nutrimos nossas memórias e da qual irei abordar neste memorial.

A palavra poesia vem do latim poësis que faz referência a "manifestação da beleza ou do sentimento estético por meio da palavra, em verso ou em prosa" (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2014, tradução nossa)² derivada do conceito grego poiesis, como sendo a ideia:

"[...] como criação afastada do real está relacionada na visão de Platão em A República com as produções artísticas em geral. Sendo que, mais especificamente no caso da poesia, o poeta cria através do conceito de mimesis, criando a imitação da imitação do real, portanto a cópia da cópia afastada no terceiro grau da verdade (ideia)." (NOVELLO, 2008: 2)

Em diálogo com o processo criativo do qual trabalho que interligado ao processo citado por Ostrower (1998) , destas relações do cotidiano entre o eu e o ambiente, onde o ato mimético perpassasse pelo ato perceptivo, da qual:

"...perceber é, de certo modo, ir ao encontro do que no íntimo se quer perceber. Buscando as coisas e relacionando-as, procuramos vê-las orientadas em um máximo grau de coerência interna, pois que nessa coerência elas podem ser referidas por nós, podem ser vividas e tornar-se significativas." (OSTROWER, 1987: 65)

Expressão como a poesia lírica³, dada desde períodos antigos da Grécia, acompanhada pela flauta ou pela cítara, a musicabilidade das palavras e das

1.1 DA POESIA À FORMA

² Manifestación de la belleza o del sentimiento estético por medio de la palabra, en verso o en prosa."

³ Poesia lírica: a poesia lírica tem como vocação "expressar" os sentimentos, os estados de espírito do sujeito na sua "interioridade" e em sua "profundidade". (COMBE, Revista USP, 2010, p.115).

imagens despertadas por ela, cativam e abraçam, possibilitando-nos imaginar, nos colocar no lugar do som das palavras; seja através do eu lírico ou da história partilhada, seja pelo autor(a) da obra ou inventada por ele (a); a poesia pode nos possibilitar exprimir a liberdade de se comunicar o que se sente e o sentimento do que se vive ou viveu, ou nem se quer fora vivido, mas que se fora inventado. As subjetividades, as narrativas de si, a criação, a reinterpretação, tudo isso carregado de muita emoção, partilhado da lírica poesia, são algumas das percepções que tive deste fazer imersas na linguagem poética.

Focault (1982) em seu texto Tecnologias de si, argumenta sobre o potencial criativo das histórias ficcionais, onde estabelece uma relação entre as histórias de si e as suas possíveis reinterpretações, que ora se revelam, acrescentando-se, ora se escondem, velando-se, algo tão poderoso como o é o ato do criar, que nestes processos narrativos, atravessam as memórias, lembranças que assim como num ato de recordar; termo originado do latim "[...] *recordari*, sendo "re" (de novo) e *cordis* (coração) [...]"⁴ ou seja, "[...] *voltar a passar pelo coração ou reviver no coração.*"⁵ Conceito imerso na base de formação do indivíduo, em sua construção identitária e que nos qualifica como únicos (as), não somente pela materialidade física do ser, mas também por aquilo que cada um (a) carrega, a sua história.

⁴ Disponível em: <<http://etimologias.dechile.net/?recordar>> Acesso: 04 de Novembro de 2019.

⁵ Ibidem.

Estas questões relacionadas a memória e identidade, imergem naquilo que será chamado pela artista e escritora Fayga Ostrower (1987) em seu livro Criatividade e processo de criação como ser formador⁶ que no decorrer da vida, em nossas experiências cotidianas, vamos criando signos através dos sentidos, como ela diz em que o ser humano:

"[...] é capaz de estabelecer relacionamentos entre os múltiplos eventos que ocorrem ao redor e dentro dele. Relacionando os eventos, ele os configura em sua experiência do viver e lhes dá um significado. Nas perguntas que o homem faz ou nas soluções que encontra, ao agir, ao imaginar, ao sonhar, sempre o homem relaciona e forma." (OSTROWER, 1987, p. 9)

Logo, quando experimentamos o mundo, criamos um outro dentro de nós, expondo um novo, sendo este, permeado da essência simbólica de cada um(a), originando o seu registro.

O surgimento destes trabalhos se deu desta maneira, numa escrita urgente, que como diz Bachelard (1993) "A vida se mostra aí por sua vivacidade. Esses impulsos linguísticos que saem da linha" (Ibidem, p. 190) e que neste trabalho, mesclado de memórias, afetos e reinvenções destas, através de palavras e de imagens, carregadas de simbologias próprias, possibilitaram enriquecer e valorizar ainda mais o entendimento que tenho do campo da criatividade, que em diversos

⁶ OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 9.

momentos de trocas entre familiares, colegas e desconhecidos, perante a imagem e/ou das palavras, trouxeram outras simbologias para estes, conforme as experiências estéticas de cada um (a), instigadas por estas linguagens.

1.2 DA MEMÓRIA AO SIMBOLISMO

A terra que nos enterra, guarda todas as nossas memórias; a terra que não é somente terra

Desde os períodos pré-históricos, o ser humano busca por registrar suas histórias, sejam pelas formas de um desenho, de uma pintura, de uma escultura ou pelas palavras, que sintonizavam com o modo de como viviam, naquilo que acreditavam e pensavam e assim os projetavam, nas paredes de cavernas, no barro, na madeira, etc. Temos diversos exemplares históricos guardados nos acervos de museus, de bibliotecas, dentre outros espaços concedidos para estes fins, ainda mais singular, nos sítios arqueológicos encontrados por todo o mundo.

Estes espaços históricos, concedem a sociedade resguardar as suas memórias no seus processos evolutivos, tendo isso, há outros tipos de sítios que perfazem também esta função, como é o caso dos sítios arqueológicos que rodeiam o meu lugar de origem, nas cidades de Ouro Preto-MG, Mariana-MG e Itabirito-MG, lugares que preservam em sua história, o período da corrida pelo ouro⁷ em Minas Gerais, e que há três séculos, vem sendo marcados pela mineração, atividades que deixam e deixaram vários resquícios na paisagem, nas

⁷ Período histórico do Brasil colônia em que ocorre a descoberta de grandes jazidas de ouro na região central do estado de Minas Gerais, principalmente nos arredores de Ouro Preto, antiga Vila Rica, explorada em maior intensidade entre os séculos XVI e XVIII, sendo na época, um dos grandes centros populacionais e minerários das Américas.

lendas, nos festejos, nos costumes destas populações e na própria fisionomia destas.

Me lembro das brincadeiras que tínhamos na mata que circundavam nossa casa, povoada de candeias, samambaias, orquídeas, pés de araçá e pinheiros, que escondiam muitas vezes os buracos abertos na terra, que ora escorriam as águas cristalinas das minas, ora ecoavam os sons abafados de nossas vozes; me lembro também das várias ruínas de pedras, tomadas pelas plantas e aranhas, uma vida imersa literalmente num grande museu a céu aberto, a vivência neste lugar me trouxe muitos aprendizados, mas antes destes, questionamentos; dos quais pairavam em questões relacionadas a árvore genealógica de minha família, como sendo uma grande mescla de povos indígenas, africanos e europeus, que de certo modo, pouquíssimo destas histórias se sabem, guardadas nas oralidades dos mais antigos.

Todos estes questionamentos, muitos dos quais ligados a exploração, chegou ao elemento explorado, o ponto central que derivou todos estes processos históricos, a exploração da terra; nasci na cidade de Itabirito - MG, da qual em uma breve poesia relatei algo que por lá se passa.

Itabirito
Itabirito na palavra,
Itabirito na terra,
Do documentado itabirito,
Da montanha de ferro,
O símbolo da cidade,
Está no documento de identidade
Natural de Itabirito,
O minério desejado
Esvaindo-se.

Uma serra,
Registro.

Além de Itabirito, todos os municípios que abrangem o famoso quadrilátero ferrífero⁸ de Minas Gerais sofrem as ações de mineradoras, com todos os seus

⁸ "O Quadrilátero Ferrífero (QF) localiza-se na porção centro-sudeste do Estado de Minas Gerais ocupando uma área aproximada de 7.000 km². Esta região recebeu este nome devido aos depósitos de minério de ferro que ocorrem numa área que tem como vértices as cidades de Itabira, a nordeste, Mariana, a sudeste, Congonhas, a sudoeste e Itaúna, a noroeste." (Geopark Quadrilátero Ferrífero. Página subsequente (Localização). Disponível em: < <https://www.geoparkquadrilatero.org/?pg=geopark&id=162>> Acesso: 04 de Novembro de 2019.

benefícios que norteiam muitas das vezes a economia local, quanto seus malefícios como a poluição das águas, dos ares, além do solo, etc. Pelo fato de ter crescido em um ambiente ambíguo entre o explorar e o vivenciar a natureza, do qual despertou em mim, sentimentos ligados a terra, me fez aproximar das cosmologias indígenas, donde têm-se na natureza seus elementos sagrados, como rios, plantas, montes, árvores, constelações, animais, elementos que se confluem, se sintonizam e trazem uma concepção de mundo onde a espiritualidade ocupa um espaço fundamental para este entendimento do qual se escapa por vezes do esvaziamento de sentidos dados ao meio ambiente pela cultura ocidental, onde:

"À medida que as fronteiras do conhecimento racional foram sendo ampliadas, fomos paulatinamente perdendo essa intimidade com tais questões mágicas e, de certa forma, fomos dessensibilizados com o avanço do conhecimento racional. Alguns resquícios desta sensibilidade estão ainda presentes, salvo raras exceções, em uma memória arquetípica coletiva, que entre outras formas pode ser externada através de uma fruição estética, num momento poético ou na emoção da musicabilidade e no instante criativo." (FERNANDINO, 1998: 114).

Tendo como base o meu trabalho com a gravura, do qual surge a partir de experimentos na matéria, onde obtive resultados que cada vez mais me instigavam a fazê-la, devido as suas surpresas, aos acasos do processo, encontrei

nesta linguagem um meio de externalizar estas questões que caminhavam comigo, algo que abraçava com as minhas trajetórias de vida. O termo gravar, do qual possui diversos significados, como entalhar, esculpir, abrir, fixar, marcar etc. Antonio Costella⁹ nos fala:

"[...] nota-se que em todos eles se repete uma essência comum: a ideia de fazer durar alguma informação. Gravar é fazer permanecer para o futuro um significado. Seu sinônimo mais abrangente talvez seja marcar. Gravar é deixar uma marca. E, quem marca, marca para algum fim, com algum objetivo. O objetivo é transmitir uma informação, é comunicar alguma coisa. Logo, gravar é fazer uma marca para comunicar algo."
(COSTELLA, 1984: 8)

Nestes processos de ambiguidades, ditos acima e que é parte integral deste memorial, o ato de gravar, como uma ação também do pensamento, abrange questões muito além da própria forma, agregando nesta, uma ação da sensibilidade, no trato com o íntimo, no campo da sensoriedade e das emoções, em diálogo ao próprio processo criativo. Assim como fora dito no início deste tópico, com as culturas que nos antecedem, onde, podemos fazer aqui um paralelo entre a ação e a concepção, em e de, um determinado lugar, como um ato carregado de simbologias que explicitam em suas formas, um modo de agir e

⁹ COSTELLA, Antonio. Introdução à Gravura e História da Xilografia. Editora Mantiqueira de Ciência e Arte LTDA. Campos do Jordão - SP: Editora Mantiqueira, 1984.

um modo de pensar; Ostrower (1987) cita sobre estas relações entre a matéria e o indivíduo interligado a vida.

"Em todas as matérias com que o homem lida se fará sentir sua ação simbólica. Em todas as linguagens, ao articular uma matéria, o homem deixa a sua marca, simboliza e indaga, movido por sua pergunta ulterior, que é pelo sentido do viver. Rearticulada, a matéria retorna ao homem. Na forma configurada, cada pergunta encerra uma resposta."
(OSTROWER, 1987: 52 - 53).

Vivenciando num mundo de matérias e seus múltiplos sentidos, concepções distintas deste marcar fizeram-se presentes neste percurso; caminhei sobre um local que haviam pinturas rupestres, pintadas a partir de pigmentos minerais, um lugar agradável, que suscitava perguntas, mistérios, que me fazia imaginar um passado, outras formas de vida e do viver. Diante disso, torna-se interessante o relato citado por Fernandino (1998) do *"[...] curandeiro indígena, do alto do Mississipi, conhecido pelo nome de De-coo-dah"* (Ibid: 112) em que conta sobre as *"[...] figuras construídas por aterros, ao sul dos Estados Unidos."* (Ibid: 112), onde ele fala: *"A face da terra é o livro do homem vermelho e aquelas figuras e montes são algumas de suas letras."* (Ibid: 112); ou seja, o ambiente como espaço da escrita, do registro. O outro sentido dado deste marcar vem de um outro lugar, bem próximo dali, ao caminhar por uma outra marca, pelos

vestígios de um local degradado pela mineração, que na marca deixada pela cava, só o que me fazia imaginar era o passado daquela serra, qual forma tinha? O que nela brotava? quais bichos ali viviam? Enquanto um imenso vazio me ocupava.

Dos sentidos do gravar até os contrastes da gravura, antes de tudo o que marcou? E o que marca? Questionamentos que propiciaram a imersão no mundo da subjetividade, numa busca pela essência daquilo que tenho como um símbolo, dos pés na terra, desta conexão entre o ser humano e o seu habitat.

1.3 DO FRAGMENTADO À GRAVURA

Ao chegar em Belo Horizonte - MG no ano de 2015 para cursar Artes Visuais na Belas Artes, passei por um momento de adaptação que perdurou por um longo tempo; um garoto que decidiu sair de sua cidade do interior para residir em uma metrópole; consequências: baixo autoestima, saudades dos familiares, das amizades, dos cachorros, das matas onde eu parava para observar, da casa; enfim, foi um processo que só se aliviou na própria arte; assim como fora dito no princípio deste memorial, em que ao visitar os espaços da casa, como sendo o meu próprio ser, pude então encontrar algo que me aproximasse destes ambientes, e foi a partir de uma trinca no muro da casa onde residia nesta cidade, que percebi um verde brotar, em meio ao cimento, seco e aparentemente sem vida, uma planta crescer, desafiando a rigidez de um espaço, onde anos atrás, era povoado de floresta, e como num ato de memória física desta, insistente, rebrotava.

A imagem fragmentada, disforme, orgânica, veio deste instante, de um espaço reabitado; e eu, na busca por algo que me cativasse a continuar nas artes visuais, via naquela planta uma possibilidade de reexistir, de transformar aquelas angústias em trabalhos plásticos, desta forma, desde as trincas das construções, as ruínas da cidade; dos fragmentos de árvores cortadas, ao próprio espaço fragmentado de uma floresta; das formas orgânicas de um rio, até as sombras de uma árvore sobre um corpo, isso me interessou.

A partir disto, iniciei a trabalhar na gravura com os elementos fragmentados, onde busquei a princípio, numa série intitulada *Um corpo em ruptura* (2017), a inserir na imagem, elementos que se mesclam, entre o humano e a natureza, como num processo de metamorfose, retratando nestas, elementos da minha infância e juventude; tendo como inspiração, artistas como o polonês radicado no Brasil, Frans Krajcberg, do qual, a partir de seu trabalho com esculturas, pinturas, gravuras, fotografias, dentre outros, registrava e denunciava os crimes cometidos contra o meio ambiente, como as queimadas em florestas, a exploração mineral e as suas consequências, etc.

O primeiro contato que tive com as suas obras, fora em uma exposição fotográfica ocorrida na praça Tiradentes em Ouro Preto - MG, no ano de 2013, quando eu ainda estava no ensino médio, onde, ao ver aquelas imagens de uma floresta em chamas, me veio esta lembrança, da qual presenciei em minha rua:

_Vi do céu cair folhas, ao tocá-las, se desmanchavam tornando-se pó, logo mais veio a fumaça, sim, havia um zunido, era o fogo ardendo na mata; corremos feito bicho em perigo, o calor era intenso, a pele chegava a arder; com aquele Sol, parecia que estávamos sendo cozidos, imaginem só o desespero dos animais que ali viviam. O fogo lastrava rápido, logo quando vimos já estávamos quase cercados, a mata ia sendo consumida e o rastro deixado era um grande vazio e

de um desolado espaço silenciado; logo mais soubemos que o incêndio causado, fora criminoso.

As obras de Krajcberg, me despertou inquietações que já se repercutiam em mim, onde, em suas diversas obras, a forma é o próprio grito e isso desde então me serviu de inspiração para um trabalho ligado a natureza, que também já era algo que caminhava comigo plasticamente.

A fotografia também é uma ferramenta da qual eu utilizo para as criações, principalmente pela presença dos contraste em preto e branco, que se tornam mais efervescentes no meu processo criativo. O fotógrafo Sebastião Salgado, mineiro, nascido na cidade de Aimorés - MG, apresenta nos seus trabalhos em P e B, composições de luzes e sombras que se fazem intensas e trazem uma fotografia cheia de texturas e detalhes. Em seus temas, o mundo dos humanos e dos animais, retratado nas questões como, as guerras, os exílios, as desigualdades sociais, os trabalhadores e a exploração da terra, a vida selvagem, os lugares inóspitos do planeta, dentre outros, que contribuíram para um olhar mais atento, em meu trabalho, aos detalhes e as suas expressividades.

Outra fotógrafa importante neste processo foi a suíça radicada no Brasil, Cláudia Andujar, a qual em seu trabalho fotográfico realizado com os povos Yanomami, mostra registros do cotidiano das tribos, inclusive em seus rituais mágicos. O que mais me chama a atenção em seus trabalhos são os contrastes

da luz e sombra, além da manipulação por meio da sobreposição de outros elementos na imagem, transmitindo uma sensação de magia, aproximando a imagem as cosmologias existentes daquele povo.

Estas referências estavam em diálogo com as minhas pesquisas relacionadas a sombra e a luz, das quais utilizei para pensar a composição da série *Um corpo em ruptura (2017)* e também da série *Sob a luz de mil estrelas (2019)*. Imerso neste processo, outros dois artistas foram fundamentais para pensar o desenho, a gravura e a composição disposta sobre a superfície, como é o caso do artista plástico pernambucano Gilvan Samico, o qual obteve forte destaque nacional e internacional por suas xilogravuras, entalhadas cuidadosamente e requintadas em detalhes.

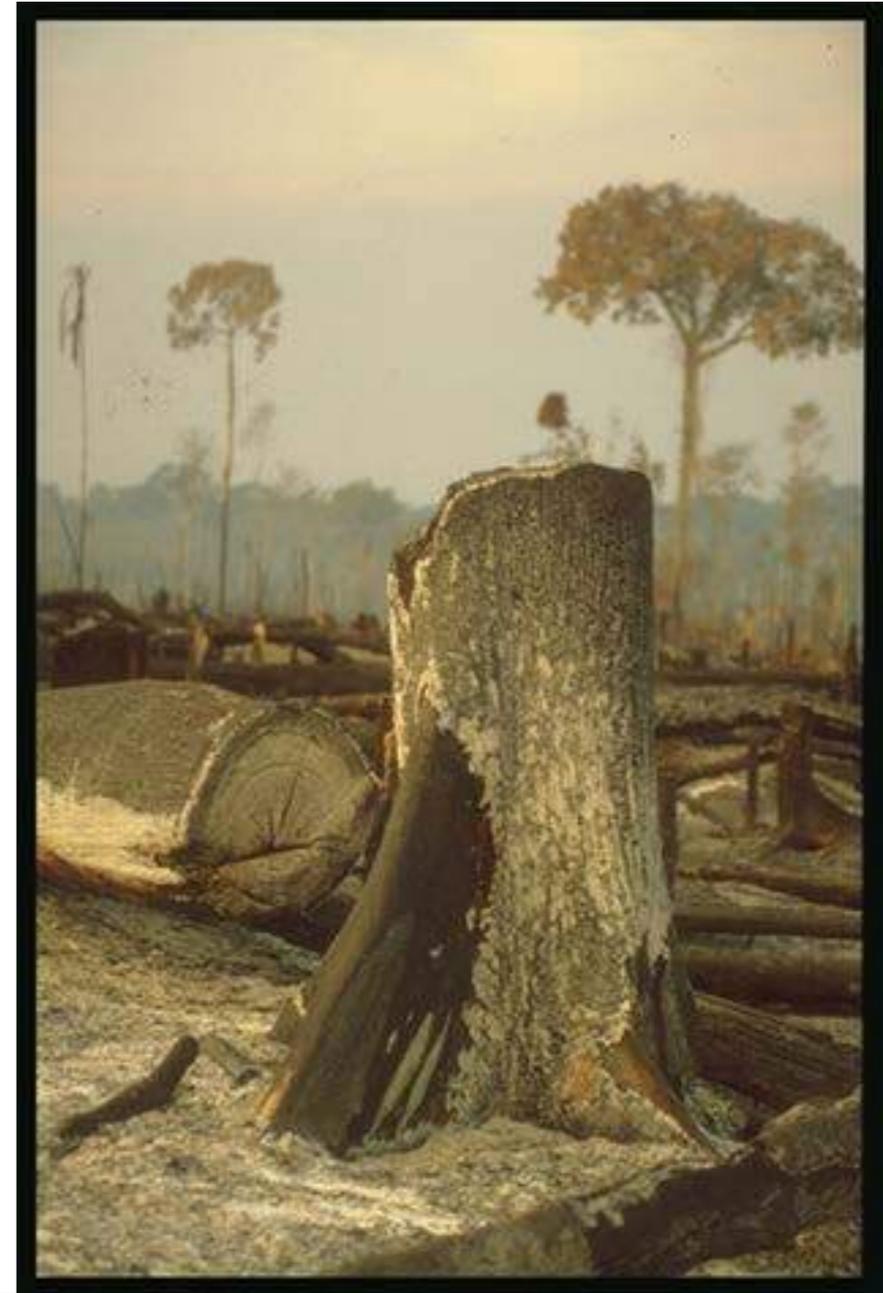
Os temas utilizados por Samico, já imergiam os assuntos nos quais eu buscava, como as questões ligadas as mitologias e as tradições culturais brasileiras, caracterizando por uma imagem que narra uma história. Outra artista ligada ao campo da gravura que se fez presente nestas pesquisas, foi Maria Bonomi, gravurista de forte destaque no que se refere a gravura no campo expandido, trabalhando a concepção da gravura em diversos tipos de suportes, tais como, além da madeira e do papel, o aço, o concreto, a argila, dentre outros. Esta ampliação do campo gráfico dado pela xilogravura e a maneira de como estas obras eram trabalhadas, despertou meu forte interesse pelos seus trabalhos

e sua linha de pesquisa, no que contribuiu para a elaboração das séries citadas acima, tais como, as disposições das figuras no espaço, a experimentação da impressão em outros suportes, como o tecido e também, experimentações expográficas para além da moldura e da parede.

No trabalho com os fragmentos, tive como referência os recortes em papel do artista francês Henri Matisse, onde a forma era simplificada a seus traços mais genuínos, tornando uma imagem mais orgânica e de muito movimento e contraste, do qual, nos trabalhos com o linóleo tentei explorar estas organicidades da forma junto aos contrastes, modificando por inteiro, o processo.

Na série *Sob a luz de mil estrelas*, inspirei-me nas pinturas rupestres do Sítio Arqueológico de Pedra Pintada no distrito de Cocais em Barão de Cocais - MG, que concentra atualmente, um dos conjuntos mais ricos da região central de Minas Gerais, no que se refere a estas manifestações; no Sítio Arqueológico da Serra dos Lenheiros em São João Del-Rey - MG e também do Parque Nacional Serra da Capivara no Piauí, que detém os maiores e mais antigos vestígios do homem pré-histórico das Américas, nos quais, guardam um acervo riquíssimo de um período histórico em que o espaço era visto sob um outro olhar, por outras simbologias, aproximando das propostas do trabalho e de tudo o que aqui fora discutido.

FIGURA 1 - Frans Krajcberg, Troncos (Amazônia), s/d, matriz-negativo.



Fonte: Itaú Cultural (2019).

FIGURA 2 - Sebastião Salgado, s/t, s/d, fotografia.



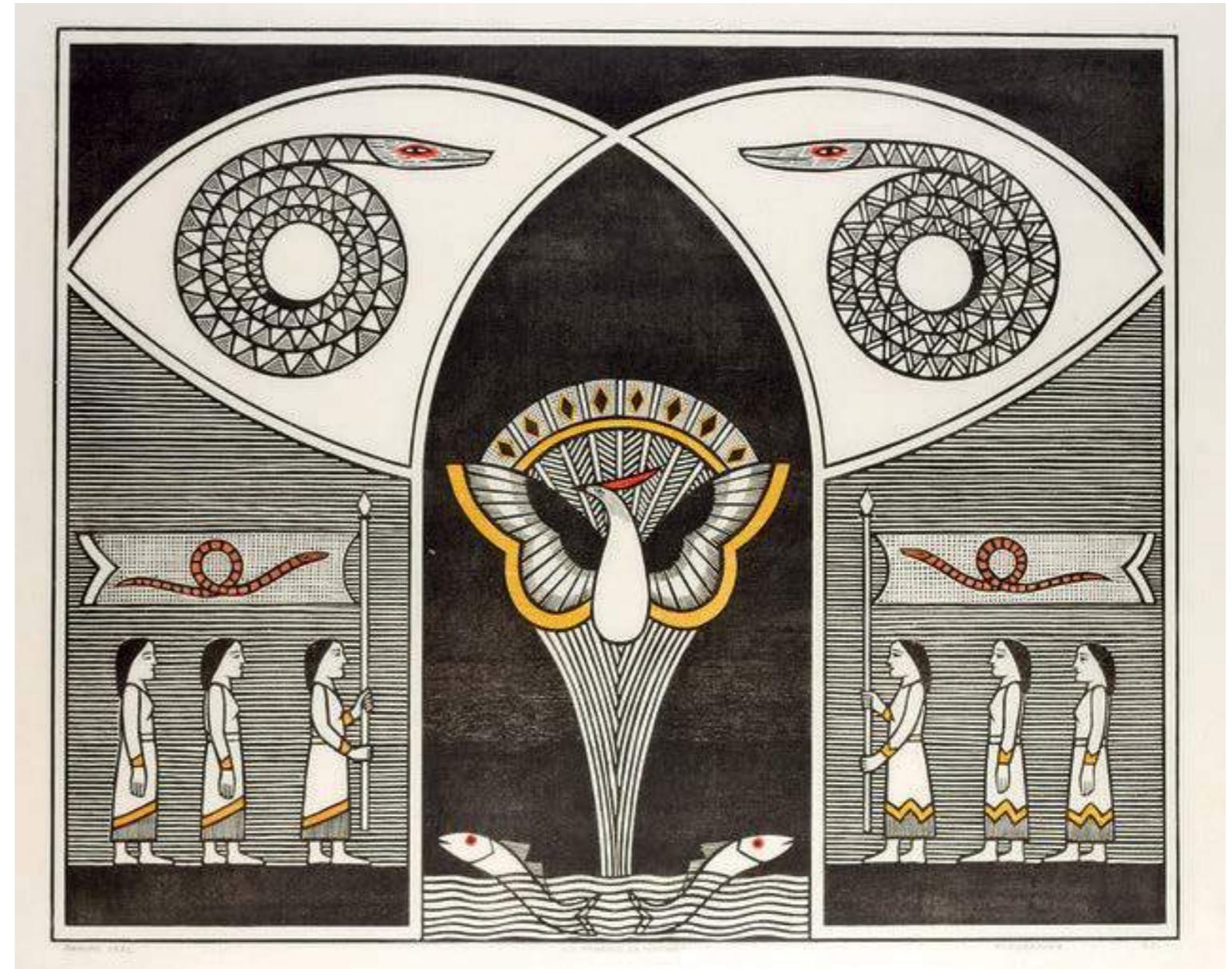
Fonte: O Globo (2018)

FIGURA 3 - Claudia Andujar, Yanomami, 1974, matriz-negativo.



Fonte: Itau Cultural (2016).

FIGURA 4 - Gilvan Samico, O fazedor da manhã, 1982, xilogravura.



Fonte: Sesc São Paulo (2016).

FIGURA 5 - Flavio Forner, Pinturas Rupestres de Cocais - MG, s/d, fotografia.



Fonte: O Globo (2012).

Uso as palavras para soprar imagens

vindas do vento

colhidas ao t.a.t.o

palavras soltas

catadas ao ar r r r

Para me apresentar,

recito

E antes de mim

Falo da terra

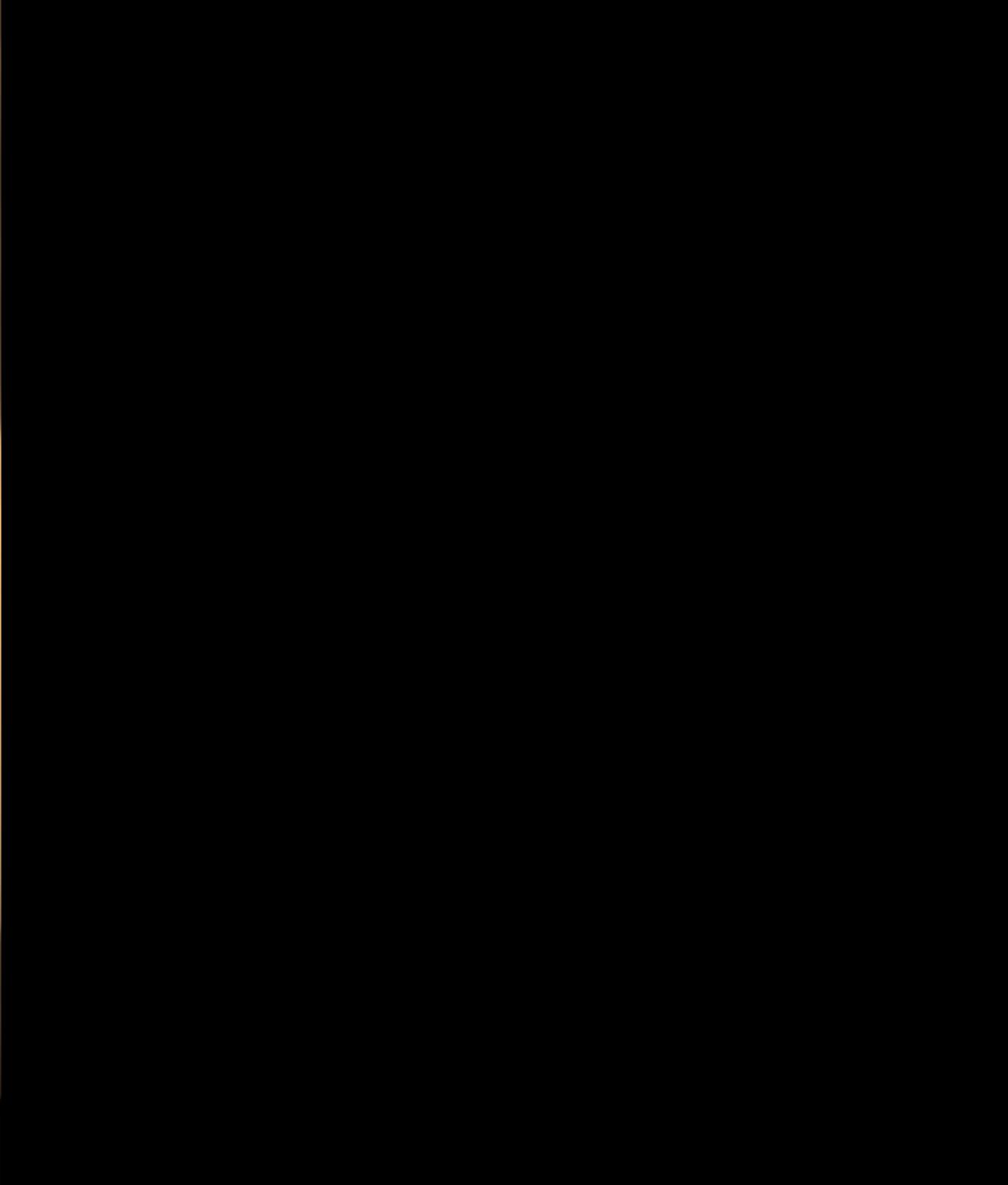
Daquela árvore da infância

Da terra que em mim habita.



Um branco fazia eco na minha cuca
As vezes, na toca ele vazava pelas jabuticadas
Tamanho era que pesava muitos dias
Me devorava as memórias
Fazendo crescer a minha juba

Os números soavam
enquanto o tempo voava
Passaram-se muitos tempos em revoadas
Até um dia ele pousar num verde qualquer
Esse verde era ainda filhote quando olhei para ele
Estava encrustrado na parede
No asfalto
No passeio
Nos prédios mais altos
Ele estava por todos os lados
Ali alheio
O verde então me ocupara a cuca
Fazendo nela brotar a memória dos matos.

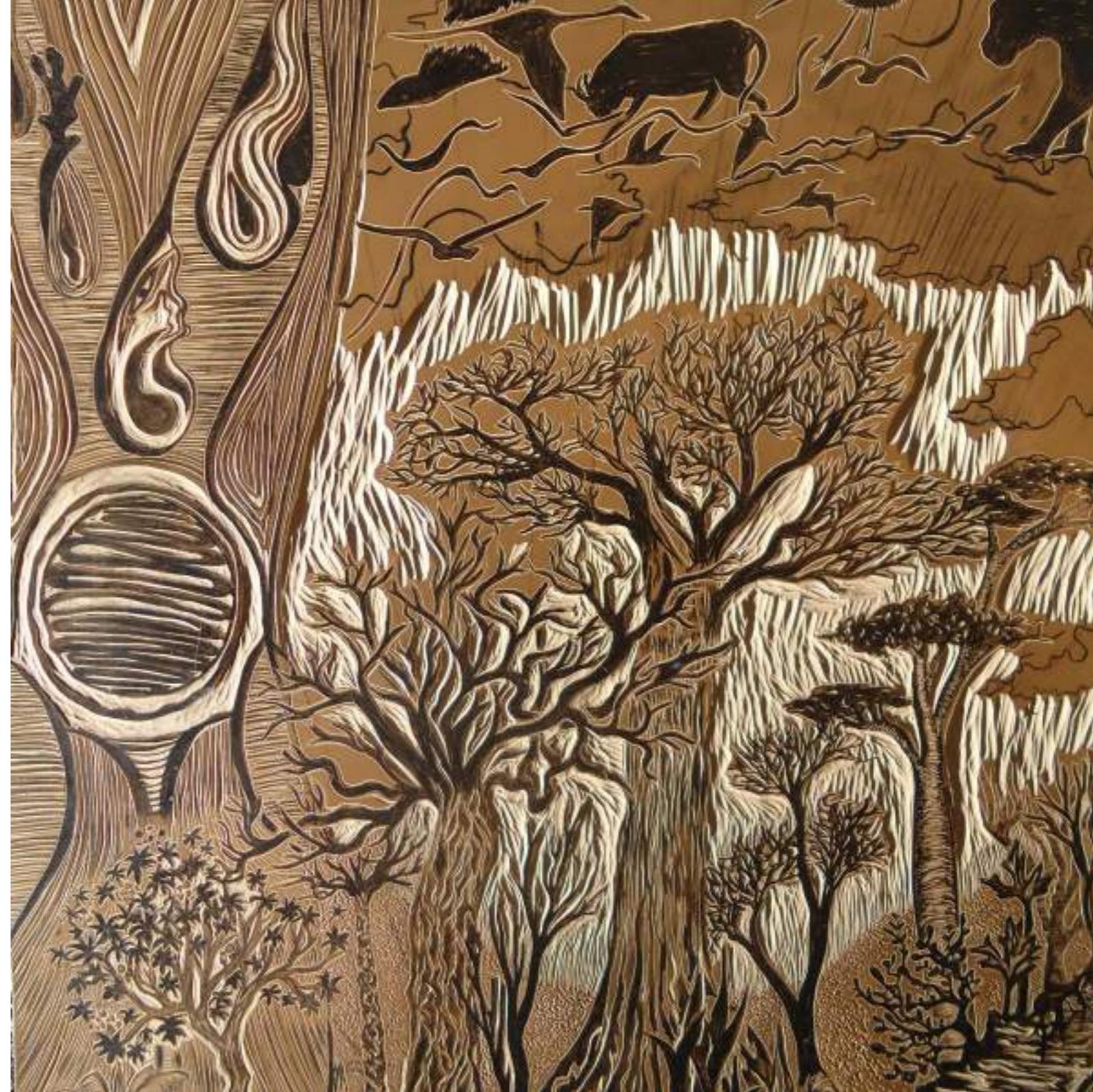


Lugares que habito

Usar palavras pode não ser algo fácil
Pode travar a língua, impedir o diálogo
E se assobiarmos?

Será que os pássaros nos entenderiam?
Porque o bem-ti-vi parecia conversar
Desde criança ao aprender a observar
Tico-tico aqui, tico-tico acolá
Era um piá e todos sapecavam a comida e saiam a voar.

No quintal havia uma grande senhora,
De pés bem alongados, com os cabelos esvoaçados e de um cheiro
inigualável
Ela era a anciã dos tico-ticos, dos sabiás, dos bem-te-vis, das araras e de
muita gente que lá iam se encontrar
Ela não assobiava, rangia
Ela era a senhora aroeira
Guardava debaixo de seus pés, um grande tesouro
O fio d'água
Que acalmava a todos com o seu modo constante de se expressar
Quanta gente se embebedara de sua fonte!
Quantas saracuras não se refrescaram ao tatear e saborear suas águas!





Tudo era vivo e eu me divertia,
O vento uma vez me passou do avesso, queria me fazer voar
De sombrinha sob uns pingados
Veio o vento todo molhado e gelado e dá aquele soprado
Naquele dia quase virei um pássaro,
Se não fosse uma mão estendida, estaria hoje assoviando com os pássaros

Naquele tempo
Brincadeira de roda tinha lugar demarcado
No abraço de dois ventos formava-se o rodopiado
Com um zumbido de arrepiar
Das folhas das árvores ao pó das estrelas,
Todos só queriam saber
É de dançar.

O sol tinha um jeito peculiar de se expressar
Com sua luz vibrante e quente
Todas as manhãs quando se levantava
Fazia as andorinhas se enlaçarem nos ares
Fazendo um grande rabiscado flutuante no céu;
A nuvem preguiçosa, ainda abraçada ao monte
Num vagaroso despertar, enchia-o de beijos molhados
Deixando a relva para o sol secar

As plantas quase vitrificadas, ainda reluziam a luz,
Enquanto exalavam seus perfumes,
vapores saborosos aos velozes dos ares
que saiam feito loucos,
embrenhando-se por entre as pétalas,
eis os de asas transparentes
Os beija-flores.

Na noite que se adentrava
Com seu espírito gelado e imensamente pontilhado
Um diversificado show de insetos cantarolavam
Unidos aos sapos que cantavam debaixo da fonte
Uma canção suave fazia da melodia
Um verdadeiro ninar
Sonolento ficava e me perdia nos caminhos dos sonhos
De onde eu só saía quando as galinhas começavam a carcarejar.

Dos tempos de infância.







Desde pequeno era na terra

Na pedra

Na areia

Sobre árvores

Escorregando em piteira

Eu nunca andava sozinho,

Era candeia

Era aroeira

Era pé de araçá

Ameixeira, mariazinha, amoreira

Em especial a jabuticabeira

Cheia de braços e frutos

Onde brincávamos de subir

Subir

Subir

Até chegar

Lá no alto

No topo da beira.



Quando o vento visitava a morada das plantas

Elas deixavam escapar suas conversas alheias

Era muita fofoca pra uma mata só

Era um zum zum zum aqui

Um lero lero de lá

E o vento as vezes até gritava

Soltava um sopro e virava uma algazarra

De folhas,

De troncos,

De pássaros,

De vento e de águas

As poeiras amavam,

pelo menos eu acho

Se achavam as andorinhas e saíam por aí

a voar

Ninguém gostava delas

Jogavam pra fora de casa sem dó

Só na vassourada.

A rua era muito habitada
Por plantas, insetos, galinhas, cachorrada
Algumas pessoas e muitas crianças
Era morada também de urubus
Ticos-ticos, tizius, alma-de-gato e muitas cirandas.



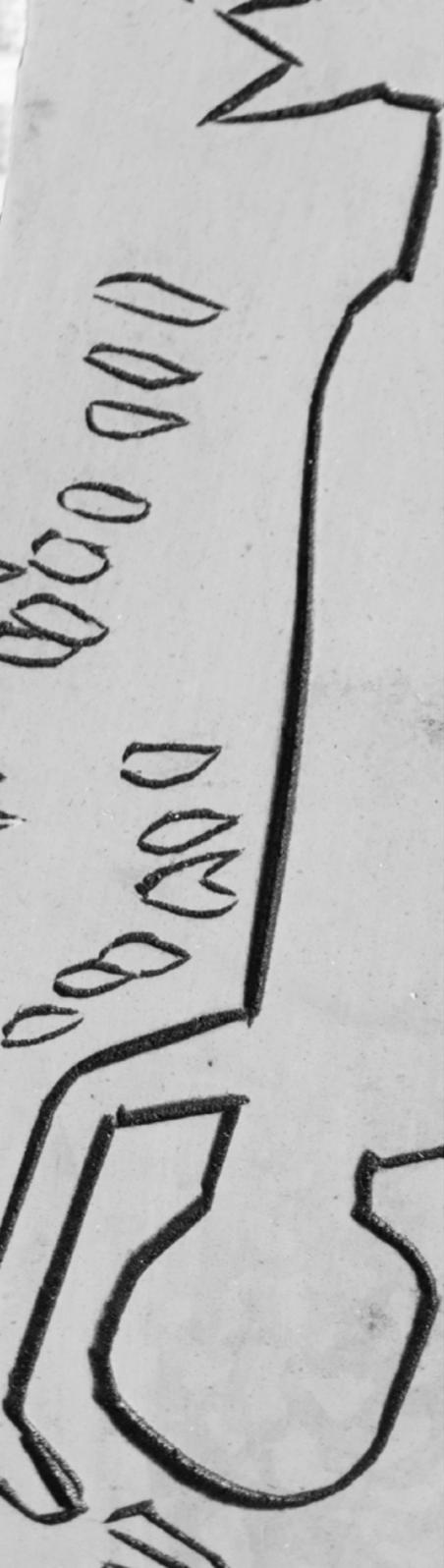




Mirando ao vale
Sopro do vento
correndo pelo vale
Brinca solto
limiando lugares
Tracejando texturas
tocando árvores
Esculpindo a pedra
respingando a água
Da cachoeira das Andorinhas
dos caminhos cristalizados
Sombreados de candeias
coloridos horizontais
Do roxo da Quaresmeira
Da esbranquiçada Embaúba
Reluzente lá na serra
a flor do ipê amarelo dourado

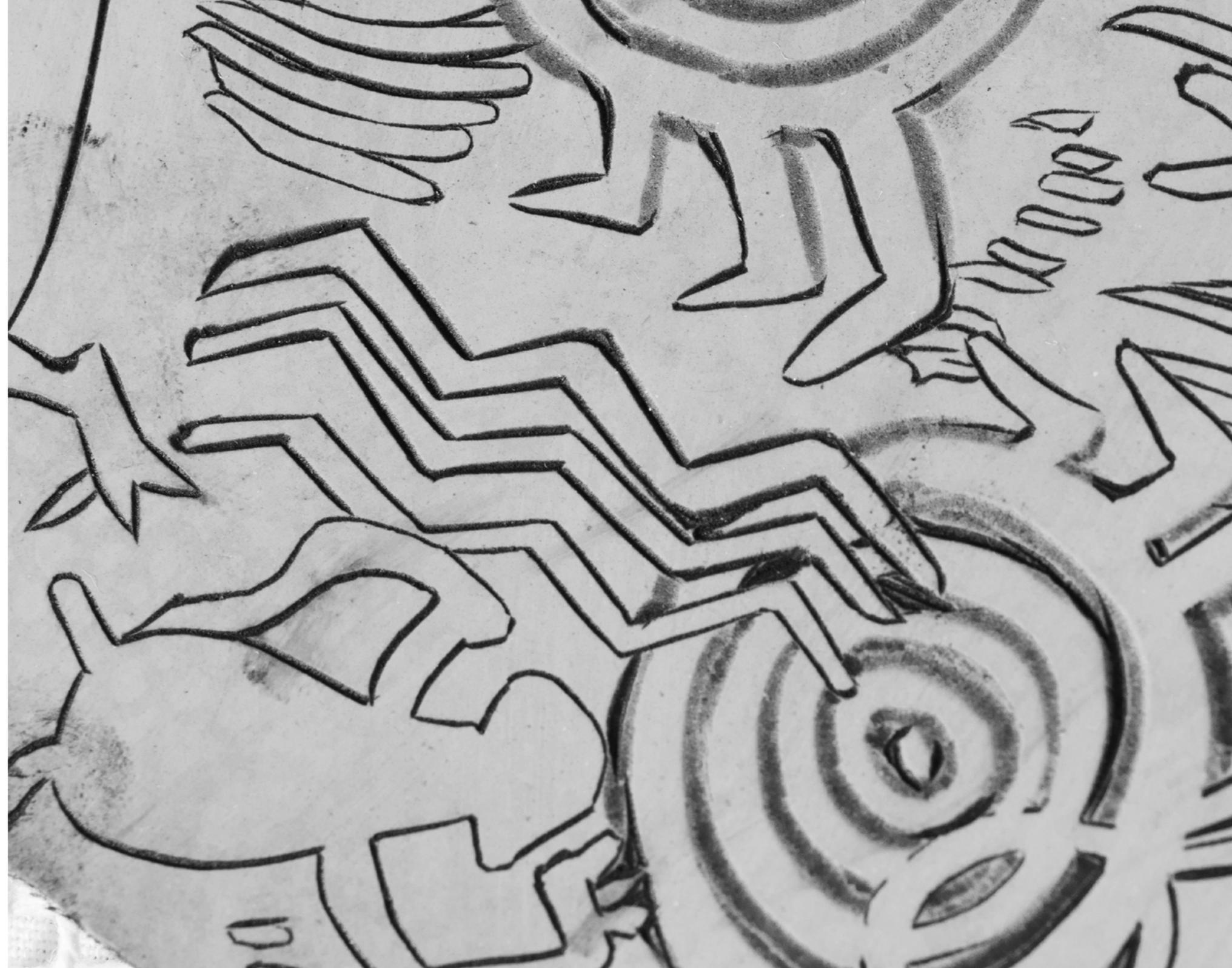
Voa em teu corpo
é o gavião, é o cacará
Canta cá embaixo
o casal eterno das araras
de vermelho, azul e
esverdeado.
Do mar de vales florestados
serena a névoa, jorra a água
Tanta chuva! Quanta água!
a terra não se aguenta
E fica assim
avermelhada, enferrujada

Do riacho que corre
de cor amarelo ferrugem
Marca na pedra
os ancestrais passados



É a pedra solta
É o empilhado deixado
Esculturas de ferro
esculpidas pelo vento e pela água

Forte é o meu vale.







Do alto da pedreira
da cidadezinha de barro, pau e pedra
Nuvens e névoas
Tomavam conta do azul do oco do vale
Paisagem molhada e gelada
que o verde fez brotar

Folhas secas em áureas quedas
Emanando soníferas mensagens
De uma noite sem fim
Enquanto flamejavam lá na selva
O ardor de quem um dia sonhou
Flores serem
Sabiás cantarem
Raízes crescerem
Fora exportado

Numa distinta civilização
Constantes motores
De tocares cortantes
Marcaram-na digitais

Aos sopros,
Furacões rajantes
Trouxeram progresso e ordem
Desestabilizaram-na e se trincaram

Sendo estrondosas ao se romperem
Plac! Pluc! Plaaa...
Shshshhh...
Buumm...

Pelos e penas
Misturam-se as cinzas nuvens
Ao pó vulcânico se fizeram,
De um mundo em quarentena
De insanas falésias
Entre cálidas flores alucinógenas
E ingênuas povoações arbóreas,
Despencaram-se
E abaixo governos e competências

Assim estérea surgira
Bem-vinda a nova era
Desta paisagem humana.





Das entranhas da serra
de um horizonte de pedras
Nos sonhos de um desenho
A criatividade paquera
De onde nasceram-se mundos,
floresceram-se ramos
Num corpo raiz, com signos de ervas
Folhas plantadas com toques de águas
exalando o suor da terra.

Fiz morada na semente
Nas fissuras abertas pelas plantas
De onde poucos olhares admiravam
Fiz arte, manifesto e árvore
Decidi reflorestar os papéis
Cultivar lembranças
De um ser pequeno
Denominada criança

Não mais houvera branco
E sim, texturas, peles, cascas, florestas
Trinquei a tela e se fiaram cores tantas
Queimei a reta ditadora
E flamejante
Vieram rendas.







O Sol numa caminhada uma vez
Me fez carimbo de planta
Fiquei camuflado tipo tronco, tipo folha,
Num sentimento de luz e sombra
Que no clímax do dia
Explodiam brilhos e anoiteciam formas

Estava todo florescido
Havia eu me transformado
Em uma mistura de gente e vegetal
Seria eu a própria terra
Em uma contínua e sinestésica mutação.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ver, ouvir, tocar, sentir, elementos muito ligados ao processo meditativo que o espaço da floresta nos convida a fazer, momentos tão íntimos de um corpo como é talvez, o momento de um banho, e foi assim como em diversas vezes ocorrera e ainda ocorre desde a infância, deixar-me levar quando estou nestes lugares, o olhar não tem pressa, é atento a qualquer miudeza seja de cor ou de textura, que se move ou se permanece; os sons são mais calmos, e em cada um, podemos ouvir separadamente se atentos estivermos e quando isso ocorre percebemos uma orquestra se formar em meio as árvores; o toque é mais intuitivo, busca sentir o que se apalpa como quem deseja descobrir um novo mundo através do tato. Estas percepções sensoriais quando instigadas fazem isso, observar o mundo tal como ele é, sem a pressa de concebê-lo, o lugar da floresta nos ensina e assim como num útero materno, cuida e forma.

Concluo dizendo que estes elementos sensoriais trabalhados, foram de extrema importância para o processo artístico aqui desenvolvido e os que estão em desenvolvimento, que parar para observar é algo tão importante como respirar e se alimentar; desenvolver os sentidos corporais junto a natureza é por si só um ato da estética, um ato formador, e diante disso, lutar por estes lugares se torna um símbolo de luta do próprio ser humano e de suas qualidades como ser, que esta causa seja um sonho, um desejo, uma atitude, o nosso cotidiano, que seja uma cultura que cuide e forme.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

CASTANHEIRA, Rafael. Poéticas de resistência: A representação do outro nas fotografias de Claudia Andujar e Miguel Rio Branco. Revista Mosaico, vol. 9, nº 1. Goiânia: Mosaico, 2016, p. 125 - 144.

COMBE, Dominique. A referência desdobrada: o sujeito lírico entre a ficção e a autobiografia. Revista USP, nº 84. São Paulo: USP, 2010, p. 112-128.

COSTELLA, Antonio. Introdução à Gravura e História da Xilografia. Editora Mantiqueira de Ciência e Arte LTDA. Campos do Jordão - SP: Editora Mantiqueira, 1984.

DUARTE, Rafael. Pedra pintada em Cocais tem pinturas rupestres de até 10 mil anos. O Globo: Miramundos. (On-line), 2012. Disponível em: <[https://blogs.oglobo.globo.com/miramundos/post/pedra-pintada-em-cocais-tem-](https://blogs.oglobo.globo.com/miramundos/post/pedra-pintada-em-cocais-tem-pinturas-rupestres-de-ate-10-mil-anos-442276.html)

[pinturas-rupestres-de-ate-10-mil-anos-442276.html](https://blogs.oglobo.globo.com/miramundos/post/pedra-pintada-em-cocais-tem-pinturas-rupestres-de-ate-10-mil-anos-442276.html)> Acesso: 04 de Novembro de 2019.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019.

FERNANDINO, Fabrício José. Poesia das coisas naturais. Dissertação de Mestrado - Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

FERNANDINO, Fabrício José. (R)evolução Frans Krajcberg, o poeta dos vestígios. Revista UFMG, vol. 21, nº 1 e 2. Belo Horizonte: UFMG, 2014, p. 260 - 277.

FOCAULT, Michael. Tecnologias de si (1982). Verve, Revista Semestral Autogestionária do Nu-Sol, nº 6: Verve, 2004, p. 321 - 360.

NOVELLO, Maria Silvano Hion. Teoria da arte em Platão: o conceito de poíesis. UNIMEP: 6º Simpósio de graduação. Piracicaba -SP: UNIMEP, 2008.

OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Vozes, 1987.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Diccionario de la lengua española, 23.^a ed., [versión 23.2 en línea]. Disponível em: <<https://dle.rae.es/?id=TURw1XA>> Acesso: 04 de Novembro de 2019.

